NOVEMBRO
DEZEMBRO 1956/7
JANEIRO

AJI

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE
ISRAELITA DE BELO HORIZONTE

2

A. J. I.

Orgão da Associação da Juventude Israelita de Belo Horizonte
(circulação interna)

Direção: VITAL BALABRAM
Redação: SIMON SCHWARTZMAN

Desenhos: RONEI LOMBARDI
GABY EINSTOSS
WLADIMIR CARVALHO

PRINCÍPIOS:

1 - Os artigos assinados não conterão necessàriamente a opinião da redação ou do clube;
2 - Não nos obrigamos a publicar qualquer trabalho recebido;
3 - Não devolvemos originais não publicados.

Capa de JACOB KORMAN

ÍNDICE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua da Bahia, 570 - 8o. andar - Edifício Alcasan

Editorial

POR UMA SÉDE ÚNICA!

A juventude israelita de Belo Horizonte, representada pela Associação da Juventude Israelita, como herdeira de todo o trabalho cultural e social da atual geração de ativistas que dirige as atividades não juvenís da colônia israelita, julga ser não só de seu direito, como de sua obrigação, trazer a sua opinião sôbre um dos problemas centrais de nossa vida associativa: o problema da séde única.

A juventude considera que duas sédes próprias seriam a cristalização da atual divisão de nossa coletividade, que a prática tem várias vezes demonstrado ser já um anacronismo em nosso meio.

Nós, da juventude, achamos que, com o dinheiro arrecadado, uma séde única já estaria em faze bem adiantada de construção, além do fato de que, com a unidade, poder-se muito mais fàcilmente desenvolver qualquer campanha financeira que porventura se fizer necessária.

Achamos que a Escola Israelita Brasileira não suportaria a divisão inevitável no caso de concretizadas as duas sédes próprias, posto que em cada uma delas há um lugar para a escola, e é evidente que nenhuma das atuais facções admitiriam a escola no prédio da outra facção.

A juventude tem necessidade de uma séde para suas atividades culturais, sociais e esportivas. Entretanto, duas sédes próprias forçariam a juventude a manter-se afastada de ambas, visto já ela não comportar cisões dentro de si.

Achamos que é possível uma fórmula que permita, nas atuais condições, fundir as duas sédes numa só, de forma que satisfaça a tôdas as exigências. Queremos colaborar para o encontro desta solução. Igualmente, estamos dispostos a trabalhar efetiva e ativamente para a construção da séde única.

Não pretendemos, com a unidade, que se aliene a personalidade de qualquer grupo, organização ou pessoa. Pretendemos apenas uma Casa única, onde cada judeu, e cada organização judáica, respeitando os pontos de vista alheios e contrários, possa trabalhar e desenvolver plenamente. Unidos, conhecer-nos-emos melhor e perceberemos que o que move cada um, ainda que por cami

nhos que possamos julgar errados, é o desejo de servir melhor, de acertar.

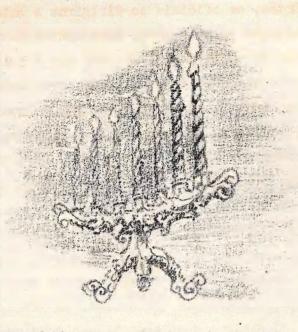
O ishuv exige uma séde única. E sabemos que, onde há bôa vontade, resolvem-se tôdas as dificuldades, removem-se todos os impecilhos.

Julgamos indispensável que, ao menos temporàriamente, se paralizem as obras, pois cada tijolo colocado é mais um obstáculo anteposto à unidade.

Façamos, em conjunto, um estudo aprofundado de tôdas as divergências e problemas, e temos a certeza de que, se nos guiar a vontade firme de fazer a unidade, ela será conseguida.

Conclamamos às diretorias da União Israelita de Belo Horizonte e da Associação Israelita Brasileira, para que dêm novo prazo a sí, a nós e à tôda coletividade, para chegarmos a uma conclusão satisfatória. Conclamamos cada sócio de cada uma destas duas entidades a que se dirijam às suas respectivas diretorias nêste sentido.

Em Salvador, a colônia tem uma séde única. Em Recife também existe a unidade. Os exemplos nos indicam que nosso objetivo é realizável. Nós o sabemos inevitável. Por isto, até a sua concretização, será esta a nossa palavra de ordem.

TUDO POR UMA SÉDE ÚNICA!

CHANUKA

(extraído da "História Judáica", de Simon Dubnow,por Henoch Halsman.)

Na povoação denominada Modin, situada numa montanha nos confins de Jerusalém, vivia um velho sacerdote chamado Matathias, da família dos Hasmoneus, pai de cinco filhos: Johanan, Simão, Judá, Eleazar e Jonatan. Distinguia-se esta fam-ilia por sua profunda devoção e seu ardente amor à pátria. Certo dia, chegaram à Modin funcionários sírios que erigiram um altar e, de acôrdo com a ordem de Antíocho, quiseram obrigar os vizinhos a adorar seu deus. Alguns judeus de fé enfraquecida ou aquêles que não tiveram coragem suficiente, submeteram-se aos agentes sírios, mas todos os demais se recusaram pronta-

mente. Então, os oficiais se dirigiram a Matathias, figura de destaque entre o povo, tencionando convencê-lo a participar do culto pagão, uma vez que a religião helênica tinha de ser observada por todos os cidadãos do império Sírio, devendo curvar-se ante ela os demais credos. Matathias, todavia, replicou-lhes orgulhosamente: "Que todos os povos submetidos a vosso rei o obedeçam, violando a a religião de seus antepassados. Eu, porém, com meus filhos e irmãos, não deixarei de cumprir a lei de meus pais. Nós não nos apartaremos de nossa fé nem para direita, nem para a esquerda." Pouco depois, um israelita apóstata apareceu na praça pública e se aproximou do altar pagão na intenção de oferecer um holocausto. Ao vê-lo, Mathatias não pôde reprimir sua cólera: lançou-se sôbre o miserável traidor e o matou no ato; em seguida, acompanhado de seus filhos e de um grupo de hebreus audazes, atacou o comandante da guarnição síria, e o assassinou, queimando após o altar pagão.

Imediatamente, o ancião Matathias exclamou: "Os que estão por Deus e pela sua santa lei que me sigam! A êste apêlo responderam os fiéis à religião judáica, os pietistas. Não estando em condições de sustentar uma batalha campal contra o inimigo, êstes homens ocultavam-se nas montanhas e, quando se apresentava a ocasião propícia, atacavam de surprêsa os sírios, irrompiam nas cidades e aldeias, matando os judeus renegados e destroçando os altares e templos pagãos. Os pietistas reuniam seus partidários nas sinagogas e os entusiasmavam com capítulos dos Salmos e dos Profetas que liam ante êles. Quando encontra

vam no caminho pequenas legiões gregas, os insurrectos as aniquilavam; mas se chocavam com regimentos completos, voltavam a esconder-se nas cavernas inacessíveis das montanhas.

Pouco depois de sua brilhante ação, morreu o velho Matathias encarregando, antes de expirar, a seus filhos que prosseguissem na guerra santa por sua fé e pátria. Distinguia-se então, entre os filhos de Matathias, o heróico Judá, cognominado Macabeu (Martelo). Tinha êle o espírito de um verdadeiro guerreiro, e ardia em desejo de libertar sua gente do jugo estrangeiro, colocando-se à frente dos israelitas, saindo em luta aberta com os sírios. Quando Apolônio, governador sírio da Palestina, teve notícia da insurreição dos judeus, dirigiu-se com um poderoso exército contra os sublevados; porém Judá foi-lhe ao encontro, inflingindo-lhe uma grande derrota, sucumbindo nesta batalha Apolônio. Judá tirou-lhe sua espada, e atou-a ao próprio cinturão, usando em todos os combates sucessivos essa arma, seu primeiro troféu de guerra, golpeando, assim, o braço judeu com armas gregas. A segunda vitória sôbre os sírios a obteve Judá nos desfiladeiros de Betoron, onde os soldados hebreus pelejaram como leões enfurecidos, tendo êstes dois triunfos infundido coragem ao povo, e a sublevação contra Antíocho propagou-se por toda a Judéia. As primeiras vitórias abriram o caminho do exército Macabeu a Jerusalém, para onde se dirigiu Judá com suas valentes tropas, apoderando-se sem dificuldade da cidade e do recinto do Templo; sòmente a fortaleza de Acre, ocupada pela guarnição síria permaneceu nas mãos do ini-

migo. Judá cercou-a com suas valentes tropas,assediando-a enquanto se dedicava à reconstrução do templo de Jerusalém. Triste quadro se oferecia aos olhos dos guerreiros judeus quando subiram à colina sagrada: viram o Templo semidestruido e despojado, o altar principal profanado pelo culto pagão, queimados os portões, desertas as câmaras interiores do Templo e os pátios cobertos de ervas daninhas. Ao divisar este espetáculo, Judá e seus companheiros não puderam reprimir amargo pranto; mas não era êsse o momento para declarar-se luto pelo passado: tornava-se mister trabalhar para o futuro. Começaram então a limpar e restaurar o Templo; o altar de Zeus, erigido no lugar do velho altar de Jehovah, foi totalmente destroçado e suas pedras lançadas a "um lugar impuro"; o velho altar sagrado foi desfeito tendo suas pedras sido colocadas num sítio especial, "até que surgisse um profeta que decidisse do destino que se lhes devia dar." Em seu lugar edificou-se um novo altar de pedra, "que não foi tocado pelo ferro"; em lugar dos objetos sagrados roubados ao Templo,fabricaram-se novos utensílios com o ouro e a prata que os guerreiros judeus obtiveram em suas recentes batalhas.

Instaladas devidamente as salas internas e externas do Templo, deu-se início à cerimônia da inaguração ou "Chanuka". Aos vinte e cinco dias do mês de kislew, no mesmo dia em que, três anos antes, fôra implantado no Templo o culto de Zeus, celebrou-se um solene ofício religioso com holocaustos ao Deus de Israel. Oito dias durou a festa da inaguração da casa santa. Todas as noites os

(continúa na página 46)

BUSCA

Gaby Einstoss

ilust. da autora.

Quando o livro for aberto
Saltarão dêle duentes e fadas
Que rodopiarão ao redor da fogueira
Bem no centro do bosque encantado
Que preparaste em teus sonhos para êles.

As letras dançarão ante teus olhos
Contando histórias de bruxas e feiticeiras
E a magia do luar fará branca a fogueira.
Doces notas ressoarão no espaço
Formando hinos de louvor à bondade
Quando o livro for aberto.

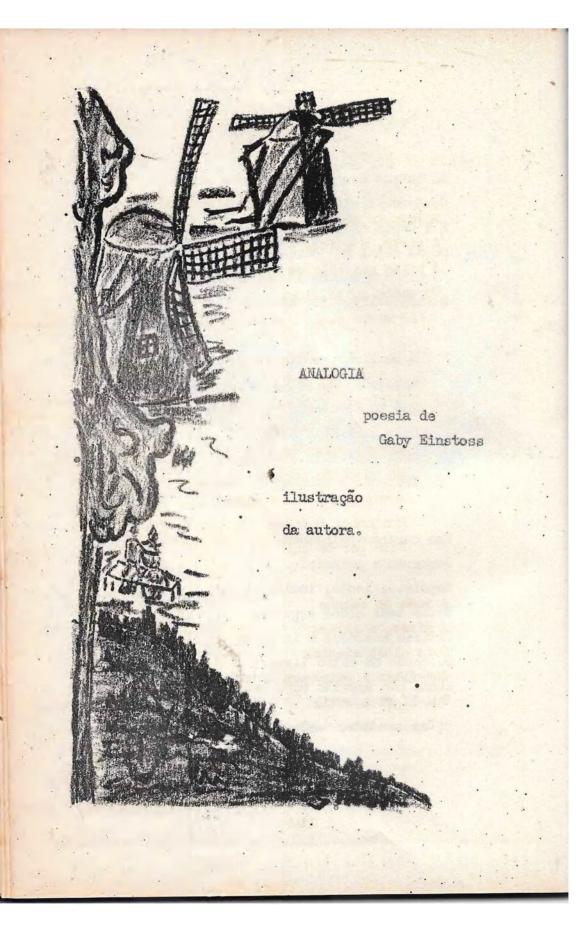
E surgirão, então, velhas lendas
Remoçadas de sob o cetim do passado
Que te abraçarão emocionadas;
Cada qual mais bela,
Cada qual mais exótica,
Trazendo a sabedoria consigo.

Teu coração palpitará
Depressa a princípio.
Depois... lento, indiferente.
Então teus olhos erguidos
Fitarão ansiosos o infinito
Buscando um outro livro
Ainda não escrito para ti.

-oOo-

ANALOGIA

poesia de
Gaby Einstoss

ilustração
da autora.

ANALOGIA

A roda do moinho
A girar, a girar.
A brisa que balança
Um capim muito fino.
O rio sinuoso...

A roda do moinho
A girar, a girar.
O casal de enamorados.
Alguns pares de asas
Em busca de abrigo.
A mãe que o filho chama...
Montanhas batidas
Pelo por do sol.

A roda do moinho
A girar, a girar.
Dois olhos atentos
Que fitam a paisagem.
Uma lágrima sutil
Uma saudade.

-oOo-

A respeito da

LITERATURA HUMORÍSTICA

É sem dúvida um grande escritor, o humorista Enrique Jardiel Pancela, e isto está mais do que provado em seu livro "Máximas e Mínimas", editado em 1945, pelo Editorial Juventud Argentina, S.A.

Assim, para gáudio e alegria de nossos leitores, transcrevemos alguns extratos de sua obra.

Pensamentos

O maior atrativo das coisas e das pessoas é não conhecê-los.

Tudo que tem que suceder na vida, sucede.

A política é a ocupação dos homens sem ocupação.

Poesia é um estado de alucinação.

Patrimônio é um conjunto de bens; matrimônio, um conjunto de males.

A juventude é um defeito que se corrige com o tempo.

Chama-se experiência a uma série de horrores.

Os sentimentos, se deve analizar, e nunca obedecê-los.

Quando tem que decidir o coração, o melhor a fazer é que decida a cabeça.

Definições

Talento: coisa que todo mundo elogia, mas que ninguém quase nada paga.

Amor: sistema de espêlhos colocados de tal maneira que, estando sós, nos parece que estamos acompanhados.

Mula: Mamífero que não escreve.

Prisão: hotel gratúito.

Bígamo: idiota elevado ao quadrado.

Ventilador: máquina de resfriados.

Senhorita: Não tocar: perigo de casamento.

Esperanto: idioma universal que ninguém conhece.

Não tocar, perigo de morte: Cartaz que se devia colocar ao lado das campainhas das casas dos médicos.

*-

Esta revista, associado, é sua. Traga a sua crítica, sugestão, sua colaboração. Que tal, a revista? Falta alguma coisa? Tem alguma coisa de mais? E a A.J.I., como acha que vai? Muito parada? Ou ativa demais? Queremos a sua opinião!

*-

CULTURA JUDIO-BRASILEIRA

Simon Schwartzman

Um povo que vive, trabalha e produz, cria, com base nesta vida e neste trabalho, toda uma série de tradições, costumes, provérbios, canções, etc., que vão formar o seu folclore. Baseados nêste folclore, expoentes dêste povo produzem toda a sorte de criações artístico-culturais que formam, em seu conjunto, a cultura deste povo. Assim a cultura de um povo, (no sentido restrito de criação artística e literária) seria a expressão estilizada de seus costumes e tradições, ou, em última análise e em geral, de sua vida e trabalho.

De existência milenar e de história tão rica, o povo judeu tem tido, durante toda sua existência, expoentes dignos de seu valor. Para ficarmos apenas em época recente, encontramos na Europa do início do século Bialic, Sholom Ash, Shalom Aleichem, Peretz, e outros. Também nos Estados Unidos surgem, com os imigrantes, Howard Fast e Michael Gold.

Ao examinarmos as obras dêstes escritores, veremos de imediato sua característica comum de retratar, com maestria, o ambiente e o espírito judáico em que vive. E este fato leva-nos a afirmar que obras semelhantes às dêstes escritores jamais serão criadas entre nós, pelo simples fato de o modo de vida dos judeus no Brasil é totalmente diverso do dos judeus da Europa, ou dos Estados Unidos. Michael Gold, em "Judeus sem Dinheiro", dá-nos um

quadro humano e pungente, (porque pungente é a vida de seus personagens), dos judeus imigrantes em Nova Yorque. Também Shalom Aleichem, com sabor todo especial, mostra a vida simples, ingênua e bela do judeu europeu. Entretanto, como um judeu nascido e criado no Brasil pode produzir obras deste tipo, ou mesmo encará-las com o mesmo espírito, como coisa "sua", como faz a "velha" geração? É totalmente impossível.

Isto não significa que se deva abandonar esta cultura. Isto significa apenas que se deve criar, no Brasil, uma cultura nova, que reflita a vida do povo judeu no Brasil, uma cultura judio-brasileira.

Esta cultura deverá expressar o judeu-brasileiro. Como êle, terá como lastro toda a elaboração cultural de cinco mil anos de uma história gloriosa de lutas, tragédias e vitórias. Como êle, também, conterá aspectos da psicologia, história e cultura brasileiras, na medida em que êstes fatores influem na formação intelectual do judeu brasileiro.

Para a formação desta cultura, será necessário um maior amadurecimento social da nova geração. Conhecendo a história e a literatura judáica de todos os tempos e lugares, conhecendo a história e a literatura brasileira, sabendo como vive o judeu brasileiro, e mais ainda, vivendo intensamente como judeu e como brasileiro, teremos o ponto de partida para a criação de uma verdadeira cultura judio-brasileira.

falecimento

SIMÃO CAPLUM

Com imenso pezar, assinalamos o passamento de Simão Caplum. Figura querida e respeitada por todos, grangeou, durante sua existência entre nós, um vasto círculo de relações e amizades, mercê de suas qualidades pessoais.

Com Simão Caplum, perde a coletividade, além de seu tradicional "chazan" de todas as festas e solenidades religiosas, alguém que, e acima de tudo, por seus méritos individuais, foi sempre figura de destaque em nosso meio.

É com emoção que a Associação da Juventude Israelita dedica a Simão Caplum esta última e singela homenagem.

*****

CONVERSANDO COM O SÓCIO

Lançamos mais êste número de nossa revista. Parece-nos que está melhor que o primeiro, mas ainda não está como nós desejamos. E isto porque ainda não recebemos a colaboração expontânea de todos vocês. Se apenas um pequeno grupo colabora, a revista com o tempo fica monótona, perde a finalidade. Entretanto, êste número está mais amplo que o primeiro, e esperamos que para o próximo não haja necessidade da redação trabalhar.

Acabadas as provas, entramos novamente em período de atividades. A primeira delas, e sem dúvida a maior de todas, foi o baile de "Reveillon". Para êle, todos trabalharam com grande disposição, salientando-se o David Cohen, que, com um rítmo impressionante, tem o maior mérito de tudo que foi feito. O David, assistido pelo Henrique(êste sismou que se chama Henoch), seu secretário particular.

E por falar em Henrique: Inaguramos finalmente a nossa séde própria, ou melhor, independente. Há muito que se fazia necessária, mas só agora pudemos assumir a responsabilidade de um aluguel (que, diga-se de passagem, não é dos menores). Onde é, todo mundo sabe: Rua da Bahia,570-8º andar (Edifício Alcazan). Não é muito grande, mas, por enquanto, basta-nos.

Também o departamento esportivo, agora comandado pelo Sami, entra em grandes atividades. No setor de futebol de salão, estamos disputando um campeonato patrocinado pelo "O Diário". As equipes de futebol de campo,basquete e

(continua na página 49)

RUDIMENTOS SÔBRE MONTEIRO LOBATO

Wladimir Exelrud

José Renato Monteiro Lobato, mais tarde mudou o nome para José Bento Monteiro Lobato, isso dez anos após o seu nacimento ocorrido em Taubaté, S.Paulo, a 18 de abril de 1882.

Filho de fazendeiros, foi criado entre a chácara do avô, a cidade e a fazenda do pai. Aos 15 anos fica órfão de pai, e, um ano após, falece sua mãe.

Por vontade própria, desejaria seguir a carreira de belas-artes ou engenharia, porém foi escolhida para êle a advocàcia.

A 12 de outubro de 1904, no órgão estudantil de "Onze de Agôsto", obtém o primeiro lugar num concurso de contos, pelo voto de Minerva, e no qual, pela primeira vez em sua vida de escritor, assina seu nome, abandonando o pseudônimo.

Com 26 anos, é bacharel. Sua bagagem literária de contos e crônicas dá para encher um ou mais volumes.

Em 1907 é designado para a promotoria de Areias, no Vale do Paraíba, cuja "população vive do que Areias foi". Lá, sem casos de crimes ou furtos, naquela solidão, refugia-se na literatura com traduções de revistas inglêsas, vendidas ao "Estado de S.Paulo", obtendo, com isto, suas primeiras finanças.

Já possuindo diversas histórias, seus amigos o

aconselham a que publique um livro. "Esta história de vir com o primeiro livrinho e submeter-se à piedade da crítica e ouvir que somos uma "bela promessa", isto não vai comigo. Ou entro e racho, ou não entro nunca" - são palavras de Lobato.

Em 1911, com a morte do avô, passa a ser proprietário de terras, casas e fazendas. E é lá que verdadeiramente pôde verificar o cabôclo, e nota como os brasileiros cultos desconheciam as coisas mais elementares do nosso cabôclo, romantizando-o, transformando-o num herói. Contudo, o visto por êle foi um homem doente, molenga, incapaz de ação e pensamento. "Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural", diz êle numa carta.

Reclamando ao "Estado de São Paulo" contra queimas periódicas, em novembro de 1914, teve a surpresa de ver sua carta, que se intitulava "Velha Praga", não na sessão de queixas e reclamações, e sim com destaque especial. Entusiasmado com o sucesso obtido com a chegada de inúmeras cartas, envia ao jornal o artigo "Urupês", com igual sucesso e repercussão. A tentação em apresentar um livro é muito grande, porém resiste, por não se achar maduro.

Em 1916, Lobato aparece no 3º número da recém-fundada "Revista do Brasil", com o conto "A vingança da peroba". Nos números subsequentes, surgem "Bôca Torta", "O engraçado arrependido", "Os faroleiros", etc.

Embora não fosse considerado "escritor", Lobato já é nome bastante popular nas rodas literárias. Em 1917,

após vender sua fazenda, publica seu primeiro livro, resultado de uma enquete em torno do "Saci-Pererê". Com cerca de 300 páginas, foi valiosa contribuição folclórica, sendo sua publicação por êle custeada e vendida nas livrarias. Daí, surgiu a idéia de fundar sua própria editora, denominada "Urupês", a primeira editora brasileira.

No final da 1ª grande guerra, Monteiro Lobato compra a "Revista do Brasil", da qual já era diretor.

Em julho de 1918, publica seu imenso sucesso, o livro "Urupês", sucedendo-se ràpidamente a 2ª e 3ª edições. Em 1919, apesar da polêmica havida na publicação de "Jéca Tatu", amplia as oficinas de sua editora, que torna-se a mais importante do país.

Com a revolução de 24 e a crise de energia elétrica de 25, Lobato abre falência, indo morar no Rio de Janeiro.

Em 1927, a convite de Washington Luis, vai aos EE UU, como adido comercial, até 1931, trazendo o livro "América", narrando suas impressões do grande país. Com o que viu e aprendeu lá, começa a se preocupar com problemas de ferro e petróleo, escrevendo os livros "Ferro" e "Escândalo do Petróleo". De viagens pelo Brasil, escrevendo às autoridades, inclusive ao presidente da república, valeu-lhe uma prisão por 3 mêses.

Com a 2ª Grande Guerra, o país entra numa fase política delicada. Monteiro Lobato inicia a escrever literatura infantil, assunto que jamais pensou em fazer. Até então, as crianças brasileiras tinham que se contentar com as escassas, raras e enfadonhas obras estrangei-

(continua na página 33)

COMENTANDO

Mito

Sem maiores esforços, podemos afirmar que a "Revista da A.J.I." é um produto da bôa vontade, da dedicação e do desejo de sobressaltar as qualidades de que são portadores os jovens judeus belorizontinos.

De apresentação agradável, a "Revista da A.J.I." veio, apezar de sua circulação interna, preencher uma lacuna há muito existente entre a juventude israelita e corresponde às aspirações de quantos desejam e querem ver destacadas as virtudes dessa plêiade de jovens lutadores por um mundo melhor.

Não desejamos, aqui, dizer que a "Revista da AJI" seja a última palavra no gênero, nem nos move a idéia de afirmar seja ela uma revista extraordinária. Porém como primeiro número, exetuados alguns senões naturais a estreantes, podemos considerá-la exelente.

A disposição da matéria, a escolha dos temas, a originalidade dos escritos tornam feliz a iniciativa, tanto mais que já temos agora o segundo número.

A finalidade da revista corresponde ao princípio regimental da Associação da Juventude Israelita e o seu propósito está perfeitamente descrito no Editorial, em que a redação, expondo de modo claro e suscinto as funções da revista, se propõe a unificar os jovens, proporcionar-lhes leitura sadia, desenvolver-lhes o espírito judáico e oferecer-lhes "um ambiente fraternal, elevado e, ao mesmo tempo, juvenil, onde desenvolva sua cultura, seu espírito de soci

edade, de solidariedade humana e colaboração".

No mundo dos contos, o autor de "O Erro", num humorismo sadio e simples, descreve acontecimentos da vida do homem das selvas amazônicas, deixando transparecer que o autor é pessoa vivida nas plagas do Inferno Verde, tal a perfeita descrição e o amplo conhecimento de causa demonstrados.

No artigo adaptado de Joseph Caplum, intitulado "A Juventude Idish e o Futuro de Nosso Ishuv", o articulista emite conselhos necessários, finalizando por convidar a juventude a se dedicar aos estudos da cultura, da civilização e da história dos nossos antepassados, quer atravez dos ensinamentos proporcionados pelos livros de liturgia, que atravez da aprendizagem e do cultivo da língua idish, pois sòmente desta forma, conhecendo esta, se poderá compreender aquelas.

Rabindra procurou trazer ao conhecimento daqueles que tiveram a feliz oportunidade de ler a "Revista da A.J.I." a necessidade de aproximação maior entre os jovens de sexos opostos e considerou ela que tal aproximação, além da felicidade que trará aos participantes (...), constituirá "O Elo que Deve Unir a Juventude Israelita".

Não poderia faltar a uma revista como a da AJI artigos que contassem um pouco da nossa história, relembrando datas importantes do nosso calendário, como bem salientou Heoch Halsman, o tradicional "Rosh-Hashaná".

Seguindo o princípio básico dos gregos de uma

(continua na página 31)

CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

por "Olho de Lince"

O "Jornal Israelita", em meados de dezembro, publica, na crônica "Society Macabi", assinada por Elihau - Chut, certas referências a Belo Horizonte, que causaram - espécie em nossos meios femininos.

Fala sôbre uma suposta manha que as meninas têm pelos "pobres rapazes mineiros", solta uma piadinha sôbre o Sami, que ninguém entendeu, e, em outro trecho, diz que "aproximando-se as férias, preparam-se as mineiras para a grande revoada para o Rio e São Paulo".

A reação, sobretudo quanto a êste último trecho, foi enorme. E é assim que, apesar das centenas de bilhetes e cartas que nos chegam diàriamente, ao invés dos conselhos de praxe, transcreveremos uma carta muito importante que nos foi dirigida, e pela publicação da qual, elas me garantiram uma bela recompensa. Antes, porém, comunicamos a aquêle infortunado moço alto, louro e de óculos do número anterior que nossos correspondentes vasculharam toda a praça do Rio e S.Paulo, e nada conseguiram. A questão, agora, é limpar as dentaduras sòzinho.

Também para aquela mocinha moreninha, simpática e sempre sorridente que nos pede para arranjar-lhe um contrato no "Scala", de Milão, comunicamos que, infelizmente, não temos poderes para tanto. Em matéria de escala, o máximo que podemos é arranjar uma vaguinha de meia esquerda no time da AJI. Isto, eu consigo com o Sami. Será

que serve?

Mas, vamos à carta. Ei-la:

"Belo Horizonte, dezembro de 1956.

Prezado(a) Olho de Lince,

Saudações.

Êste ano, muitas de nós iríamos ao Rio. Mas não vamos! Iremos para Niterói, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Salvador... ou, se não tiver geito ficaremos por aqui mesmo. E sabe por que? Só por causa daquela brincadeira sem graça do sr. Elihau Chut, no Jornal Israelita, sôbre a revoada. Decididamente, êle não nos conhece. Então êle acha que nós iríamos sair de nossa querida Belo Horizonte, deixando aqui, sós e abandonados, êstes encantadores, românticos, atléticos e sempre entusiasmados rapazes, sempre dispostos a nos acompanhar em festas, bailes e passeios? Não, nunca, êle está muito enganado! Se nós viajamos, (e isto não é nenhuma "revoada", e sim férias merecidas) é porque sabemos que êles também não ficam por aqui. Êle quer, com estas piadinhas, mas é cortar nossas tão sonhadas férias. Mas não conseguirá! Nem adianta ameaçar-nos com as "racinhas". Aliás, elas nem precisam vir: não conseguirão nada, temos certeza.

Olho de Lince, vamos ver se, com esta carta, o sr. Eilhau nos compreenderá melhor.

Respeitosamente,

AS MENINAS DE BELO HORIZONTE."

P.S. Ninguém aqui entendeu a história do Navio Negreiro.

(continua na página 48)

SAUDAÇÃO AOS FORMANDOS

Emílio Grimbaum

Na ocasião da solenidade de homenagem aos formandos de 1956, no baile de "Reveillon" da colônia israelita de Belo Horizonte, o Presidente da A.J.I. pronunciou a seguinte oração:

Srs. formandos, demais jovens, senhoras e senhores:

Nada mais grato e alegre para todos nós, do que verificar nêste dia que marca solenemente o ultrapassar de mais um ano, e o surgimento de um outro que deverá ser melhor e cheio de paz e felicidade, a tendencia dos Homens de nossa sociedade a se tornarem mais humanos, compreensíveis e a se disporem a coexistir e a lutar por uma melhoria das mentes daquêles que ainda não se tornaram suficientemente maduros e evoluidos.

Estão de parabéns a A.J.I., a União Israelita, o Círculo Israelita, o Instituto Maya Rosemberg, a Escola Israelita e demais entidades que conseguiram realizar êste baile, e que colocaram, acima de toda e qualquer compensação material ou monetária, o interêsse de se conseguir que toda a coletividade aqui se reunisse nêste dia, a-fim-de se poder iniciar uma nova etapa, a qual não só servirá para evitar a dispersão dos judeus, como também para a sobrevivência do próprio judaísmo.

Por certo, no mundo de amanhã, os vossos e nos-

(continua na página 38)

F O R M A N D O S D E 1 9 5 6

médicos

Marx Golgher

Waldemar Lechtman

professoras

Eliza Lerman

Lea Saul de Souza

Sara Rochwerger

engenheiros

Jacob Karolik

Meier Muroch

curso clássico

Israel Ary Margalith

contadoras

Ruth Hubner

Mara Bier

curso ginasial

Dina Milstein

Frida Missionschnik

Ivone Mirahy

Luiza Lerman

Luis Cravetz

Marcos Golgher

Rachel Shafirstein

Rosa Kac

Reveca Abramovich

Rosinha Creimer

Waldemar Futer

Rachel Saul de Souza

dentista

Paulo Frenquel

curso científico

Berta Wainstein

Annita Lemos

Júlio Weimberg

Israel Kuperman

Marcos Shaimberg

Mário José Kupershmit

Nilsinha Cohen Persiano

David Roitberg

JUVENTUDE

Leão Shaimberg

Generalizemos o conceito de juventude: é brilhante trecho de José Ingenieros que assim diz em suas "Forças Morais":

"Jovens são os que não têm cumplicidade com o passado. A serena confiança num ideal converte sua palavra em sentença, seu desejo em império. Seiva renovadora dos povos, ignoram a escravidão da rotina e não suportam o conúbio da tradição. É previlégio de suas mãos espalhar fecundas sementes em sulcos virgens, como se a história iniciasse exatamente na ocasião em que planejam seus sonhos. Cada vez que uma geração envelhece e substitui o conjunto de suas idéias por abastardados apetites, a vida pública abisma-se na imoralidade e na violência. Nesta hora devem os jovens empunhar o Facho e pronunciar o Verbo: é sua missão renovar o mundo moral e nêles assentar a esperança dos povos que ardentemente desejam ampliar as bases de justiça.

"Os jovens, cujos ideais exprimem inteligentemente o "vir a ser" constituem uma Nova Geração, não por seus anos mas por seu espírito.

"Cada geração anuncia uma nova aurora, arranca-a da sombra, acende-a em seu anelar inquieto. Se olha para o alto e para longe, é força criadora. Ainda que não seja dado colher os frutos daquilo que semeou, terá segura recompensa na sanção da posteridade. Cada geração dis-

tende as asas onde anteriormente fechou-as, para voar mais longe, sempre mais. Quando uma geração fecha-se no presente, não é juventude, sofre de senilidade precoce. Quando es voa para o passado, está agonizando; pior, nasceu já morta. Os homens que não tiveram juventude pensam no passado e vivem no presente, buscando as satisfações imetiatas que são o prêmio da domesticidade.

"Débeis por indolência, ou medrosos por ignorância, medram com paciencia mas sem alegria. Tristes, resignados, céticos, acatam como uma fatalidade o mal que os rodeia, aproveitando-o quando podem. De sêres sem ideais, nenhuma grandeza os povos podem esperar.

"A juventude reune o entusiasmo para o estudo e a energia para a ação, que se fundem na alegria de viver. O jovem que pensa e trabalha é otimista; fortalece o coração ao mesmo tempo que eleva seu entendimento. Desconhece o ódio, nem o atormenta a inveja. Sente-se feliz em meio da felicidade dos demais. Ri, canta, brinca, ama, sabendo que o fado é sempre propício para quem confia em suas próprias virtudes geradoras.

"Os jovens não necessitam de programas que marquem um têrmo, senão de ideais que assinalem um caminho, A meta importa menos que o rumo. Quem segue em linha reta não precisa saber até onde vai, senão para onde. Os povos, como os homens, navegam sem chegar nunca; quando arreiam o volume, é a quietude, a morte. Os caminhos da perfeição não têm fim. Beleza, verdade, justiça, quem sentir avidez de conquistá-las não deve deter-se ante fórmulas reputadas in

tangíveis. Diante dos velhos que recitam credos retrospectivos, entoem os moços hinos construtivos.

"Os homens mais envelhecidos negam a urgência de assentar sôbre mais justas bases o equilíbrio social; negam a necessidade de solidarizar nossos povos como garantia única de sua independência futura. É missão da juventude tomar os cégos pela mão e guiá-los para a senda do porvir. Arrastá-los se duvidam; abandoná-los se resistem. Tudo é possível, menos convencê-los. A certa altura da vida, a cegueira é um mal irreparável. Os jovens perdem seu tempo esperando impulso da parte dos velhos. É preferível agir sem êles como fizeram outrora os próceres que souberam tornar-se independentes e semear os vinte germes de uma grande civilização continental."

\- - -

Aquêles, da A.J.I., que assistiram a conferência do Rabino Lemler, realizada no mês de novembro, tiveram a ocasião de ouvi-lo quando particulariza o caso dos judeus, dizendo que a sobrevivência do povo judeu no galut depende entre outras coisas do seguinte:

1)- Pertencer a um clube judáico.

No caso da juventude judáica de Belo Horizonte, está muito bem representado como sendo a A.J.I.

2)- Não ser um simples número neste clube,e sim um elemento que cria atividades, que trabalha para o seu desenvolvimento. Do trecho do filósofo José Ingenieros,po

(continua na página 48)

(continuação da página 22)
mente sã em um corpo são, não descurou a "Revista da AJI" de trazer a sua página de esportes, tão bem descrita pelo nosso correligionário David A. Cohen na sua"VII Macabíada, que, também, não se esqueceu de modificar oprovérbio grego para "uma mente sã em um corpo são, num coração sadio e feliz", quando aborda o aspecto social da "VII Macabíada".

Por seu turno, "Farrapos de Papel" é uma página de filosofia, tal a exuberância e a erudição do ilustre colaborador , Dr. Lídio Machado Bandeira de Melo, cujas palavras encerram tanta sabedoria e tanta candura.

Bela Schwartzman, fazendo juz ao nome, nos oferece uma bela página que descortina o "Mundo Feminino",ditando modas, sugerindo às suas leitoras medidas que as façam mais belas e dando-lhes Moda e Personalidade, para que com estas virtudes possam prender "a alegria que passa", pois "que a sorte quando esvoaça não sabe onde vai cair".

Revista de jovens, a "Revista da A.J.I., na palavra de "Olho de Lince", se propõe a responder às dúvidas amorosas próprias da idade primaveril. Pena que, "devido à falta de espaço , apenas respondeu a uma destas inúmeras consultas, por sinal de um jovem apaixonado a cata de uma jovem portadora de dotes morais, culinários,domésticos e ....

A arte com que o caricaturista mostra como aprender "a ver seus amigos" nada deixa a desejar.Necessá-

rio se torna saber se as semelhanças entre os nomes e os animais que representam não são "meras coincidências".

Sentimental por exelência, M. Schaimberg canta com fé e orgulho o "Hino à Sobrevivência de uma Raça", e como é milionário do tempo, não empregou mal as suas horas ao traçar paralelo entre "O Tempo e Eu".

Cumprindo honrosamente o seu mister, em"Departamentos em Foco", a A.J.I. oferece relatório das atividades de suas diversas dependências, ao mesmo tempo que concita aos leitores a participar das múltiplas realizações que são levadas a efeito, com espetacular êxito, na comunidade juvenil israelita belorizontina.

O pessimismo de H. Rodrigues Andrade deu especial beleza à poesia "Suicídio".

Eis, em síntese, o que encerra o primeiro número, do ano de 1.956, da "Revista da Associação da Juventude Israelita de Belo Horizonte". Simples, de leitura agradável, é antes de tudo, um incentivo e um convite à cultura das Letras e das Artes - escopo que identifica a AJI, e, porisso mesmo, seus dirigentes só podem merecer aplausos.

****

A EMÍLIO GRIMBAUM, pelo intenso e profícuo trabalho desenvolvido durante sua gestão na presidência da Associação da Juventude Israelita, os agradecimentos da diretoria e do quadro social.

****

(continuação da página 20)

ras, caras e raras. "Menina do nariz arrebitado" constitue seu primeiro sucesso, surgindo em seguida "O SACI", e logo após "Fábulas", e outros, todos de leitura fácil e agradável. Uma revolução nos meios editoriais!

Com o êxito obtido em 1921, o ciclo de histórias infantís continuou. Em março de 1941 foi novamente prêso, por três mêses, sendo libertado por falta de provas. Em junho de 1946faz a revisão de suas "Obras Completas", com 30 volumes, e parte para Buenos Aires, atendendo a apêlos dos editores que queriam sua presença lá para o lançamento de suas obras em espanhol. Em 1944, é convidado a tomar parte na Academia Brasileira de Letras, recusando.

Monteiro Lobato foi um dos mais ousados batedores de nossa literatura. Sua extensa obra compreende, entre outras: "Cidades Mortas", Négrinha, "Idéias de Jeca Tatu", "A Onda Verde", "O Presidente Negro", "Na Antevéspera", "No Mundo da Lua", "A Barca de Gleyre","Prefácios", "Miscelânia"; "Reinações de Marizinho","Viagem ao Céu","Emília no país da gramática", "As caçadas de Pedrinho",etc.

Em 4 de julho de 1948, Monteiro Lobato faleceu. Mas apesar disto vive; não materialmente, porém em seus livros, não sendo olvidado por ninguém, estando sempre na mente de adultos e jovens. Ler Monteiro Lobato é transportarmo-nos para a época em que se sucede a história, tomando parte nela como espectador invisível. Seus escritos,de humanos, cheios de vida e amor, agradáveis, siceros, tornam impossível de traduzir estes sentimentos em algumas linhas

*****
***

Escritores Judáicos

ABRAÃO IBN EZRA

Nasceu em Toledo, em 1092, e faleceu em 1167.

Costuma-se dividir a sua vida em dois períodos distintos. O primeiro, um período de vida sedentária, pacata, em que Ibn Ezra se entrega às musas e à filosofia: data daí sua obra poética e filosófica. O segundo período de sua vida caracteriza-se pelas suas viagens e novas atividades intelectuais, agora no campo da filologia e exegese bíblica. Seu roteiro científico vai da Espanha até Roma, daí a Luca, Mântua, Verona, Provença. Esteve em viagem no norte da França, na ilha de Rodes, foi a Bagdad, à Israel, e, pròvàvelmente, até a India. Nesta longa, variada viagem de estudos, Abrão Ibn Ezra desempenhou uma tarefa de exepcional alcance cultural, estimulando o esfôrço literário de todos os judeus cultos dispersos pela Europa e no Oriente, pondo a serviço dêles toda a sua inteligência brilhante, sua vastíssima erudição e seu hebráico da mais pura água. Sua obra filosófica, inseparável de sua obra poética, compedia-se, sobretudo, em "Yesod Mora", estudo sobre os mandamentos bíblicos, além de estudos metafísicos escritos em suculenta prosa rimada.

O SEM SORTE

Abrão Ibn Ezra

Suo para conseguir alguma coisa,
E não consigo nada.
Se me levanto de madrugada, para ver o rei,
Respondem-me que êle saiu.
Sou teimoso, volto de noite,
Ouço dizerem-me que está deitado.

Oh! Por certo que as rodas da Fortuna
Viraram às avessas no dia em que eu nasci.
Se eu vendesse caixões de defunto
Ninguém morreria,
Seria o luto da própria morte.
Se eu fabricasse velas
Ninguém jamais veria o sol.

ASSOCIADO: Às quartas-feiras, a partir das 20:00 hs, está aberta nossa séde. Quarta-feira é o dia de encontro da juventude. Nosso novo endereço: Rua da Bahia, 570-8º andar - Edifício Alcazar.

A GALINHA E O ÔVO

Aulo Fernando Bicalho
(da Escola de Engenharia da U.M.G.)

Ao lermos o primeiro número desta revista, deparamos com um artigo que, causando-nos surpreza a princípio, após um exame mais acurado, nos deu momentos de alegre bom humor.

Seu autor, decididamente preocupado com um problema que afirma existir e que lhe fere os brios de futuro profissional, lança-se à defesa de sua dama ameaçada, armado de algumas citações históricas e de um raciocínio bastante elástico.

E qual o grave perigo que ameaça tão terrivelmente a honra dêste moço e faz com que ferva o sangue em suas veias?

É, meus amigos, nem mais nem menos o problema do ôvo e da galinha. Quem nasceu primeiro, a Arquitetura ou a Engenharia? Quem é o intruso, o usurpador, o culpado de alguém julgar, hoje em dia, que uma delas seja o rebento bastardo da outra? E segue por aí afora, atacando inimigos imaginários e moinhos de vento, como um herói muito nosso conhecido.

Sem querer fazer disto uma polêmica, e desejando apenas colaborar modestamente com êstes rapazes que lutam pela vitória desta revista, gostaria de levar ao autor do artigo citado alguns esclarecimentos, que, por

certo, lhe escaparam em suas investigações históricas.

Antes de tudo, porém, uma palavra de amigo. Êste problema, causa de sua repulsa, não existe como você afirma; cada um trabalha no seu ramo, procurando enobrecer sua carreira e a si próprio, pelo seu esfôrço e dedicação, sem contudo se preocupar em parecer superior ou inferior a outrem. Estamos no século do progresso e da velocidade, falta-nos tempo e paciência para tais assuntos.

Já quando você afirma que a galinha, isto é, a arquitetura veio primeiro, uma vez que Ictinus, há 2.300 anos criava o Partenon e outros luminares da Arquitetura espalhavam maravilhas pelo globo, alguém poderia lhe replicar que nesta mesma época, e antes ainda, outros mestres construiam barragens no Egito, portos na Grécia e outras obras de cunho exclusivo da Engenharia (e aí teríamos o ôvo).

Ficaríamos assim, meu amigo, após uma longa discussão, no mesmo problema do ôvo e da galinha, que até hoje desafia os sábios, sem resolver nada.

Se, contudo, aprofundarmos um pouco as nossas atenções pela história, teremos revelações bem interessantes. Veremos, em passado bem distante, que o homem primitivo, nosso ilustre antepassado, era o homem dos sete instrumentos. Caçador e guerreiro, curava seus ferimentos com os remédios que êle mesmo preparava, construia seu próprio lar e ainda lhe sobrava tempo para as lides amorosas. Na Renascença, ainda encontramos êste homem dos se

(continua na página 44)

(continuação da página 25)
sos filhos, assim como todos os povos, raças e sociedades saberão ser gratos a vós e a nós, por termos, a tempo, dado o exemplo de como não se deve desprezar ou abandonar aquilo que representa a razão de ser de tudo, isto é, o carácter e a própria vida. Muito acima da matéria e do dinheiro, estão a educação e o caráter do indivíduo.

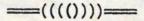
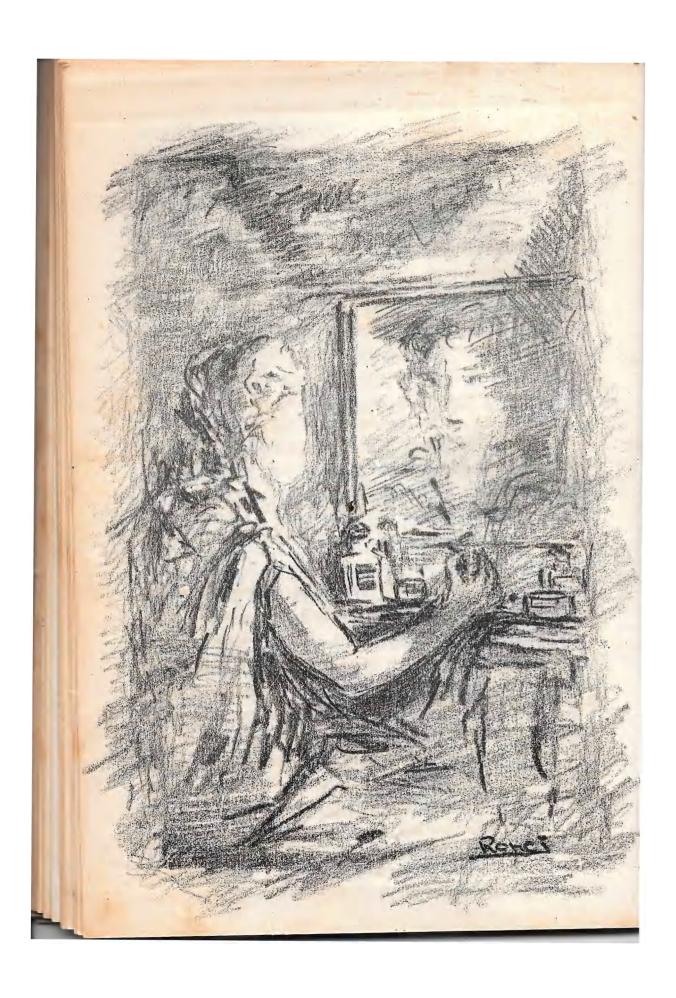
Srs. Formandos: É tradição todos os anos, ao se apagarem as suas luzes, homenageá-los. É tradição dedicar-se a vós parabéns e felicidades, pela conclusão de quaisquer cursos. É tradição dedicar a vós os sinceros desejos de que encontrem, ao caminharem pela longa e áspera estrada da vida, tudo belo e fácil. Humilde e sinceramente desejamos tudo isto a vós. Uma cousa, porém, devemos honestamente ressaltar: na prática e na realidade a vida é bem diferente, embora todos reconheçam que ela seja uma luta contínua. É como a História, que não para e não retrocede, evolui progressivamente. E toda a evolução exige luta. A vida, por sí, é linda e magnífica. Porém, os homens a ofuscam e a tornam confusa. Cabe a cada um de vós saber fazer sobressair a sua beleza e magnitude. E a vossa luta - deverá ser honesta, justa, pacífica, construtiva, evolutiva e social. Em resumo, esperamos que os senhores ponham em prática tudo aquilo de bom que aprenderam, e esta é a grande esperança daquêles que ainda confiam no Homem e na Vida.

Srs. Pais de Formandos: Com todos vossos bens e males, os nossos sentimentos de reconhecimento, satisfação alegria e congratulações não poderiam deixar de ser dedicados a vós. Vós representais a razão de ser de todos ê-

les. Esperamos que os senhores já tenham atingido a evolução que o mundo atual exige, e que possam compreender e educar realmente os vossos filhos, a juventude e a vida, - pois é tempo ainda de se salvar o mundo, e evitar que a desgraça caia sôbre nós.

Senhoras e Senhores: Dentro de alguns minutos, estará morrendo tràgicamente mais um ano. Não mintamos. Êle não foi bom. Todos podem ter ganhado rios de dinheiro. Porém, a maioria perdeu um pouco de si, que é de um valor inestimável e de difícil recuperação: o interêsse real por aquilo que representa o espírito, a vida e o homem.

Ao chegar o momento decisivo que marca a passagem do ano, por segundos todos se sentirão inseguros e duvidosos. Porém, a orquestra tocará um ritmo alegre e barulhento, anunciando o carnaval, e todos passarão a se sentir bem, esquecerão todos os problemas e se alegrarão. Mas, após o término da festa, os jovens da A.J.I., entidade que vem, em menos de dois anos, realizando um trabalho tenaz em pról do judaísmo, pedem aos senhores e senhoras, que, no sossêgo e tranquilidade de vossos lares, meditem sôbre tudo e todos. Que cheguem a uma realidade positiva. Que compreendam que o Homem quer Vida! Quer Felicidade! Quer Justiça! Quer Decência! Quer Harmonia! Quer Paz! Paz! E Paz!

Tenho dito.

NOITE DE BAILE

J. Macabeu

Nove horas da noite. Às 10, a turma passaria no carro do Paulo, para irem ao baile. E ela, que nem ageitara ainda o cabêlo! Mas não tinha importância, êles nunca chegariam na hora, mesmo. A Ana, convencida que é, de que é a tal, nunca estaria pronta na hora combinada,e o carro passaria por lá primeiro. Se não fôsse por não dar tempo de se aprontar, seria de pura fita. Então a Ana iria deixar a turma encontrá-la prontinha da silva,plantada numa cadeira? Não, para Ana, isto seria dar muito cartaz, e Rachel sabia disto muito bem.

-"E esta anágua, não fica pronta mais hoje, Maria? Ligue o ferro, como você quer passar roupa com o ferro frio?"

Esta Maria! Sempre deixando as coisas para última hora. Mas, no fim, tudo se ageita. Fanni, em sua última carta, havia garantido que êle viria. E desta vez Rachel tinha certeza: não passaria despercebida.Naquele baile em S. Paulo, ela havia fracassado redondamente. Então, ficara profundamente maguada, e chorara todo o dia seguinte. Já agora compreendia que, além de ela ser, naquela época, muito nova, a concorrência era grande. Desta feita, mais velha e experiente (já tinha 16 anos!), não deixaria escapar a oportunidade. Ela já sabia como conquistar um rapaz, ah, isto sabia. E além do mais, aquela noite seria

sua, fora de qualquer dúvida. O vestido de baile que fizera, e que estrearia neste dia, era simplesmente maravilhoso. De um azul claro, vaporoso, com bordados artísticos de pedras, vidrilhos e lantejoulas. O busto,delineado pelo corpete decotado, seria adornado por riquíssimo colar que fôra de sua mãe, e que ela usaria hoje, como seu, pela primeira vez. E, coroando tudo, ela não ignorava que os de sua família haviam resolvido elegê-la a rainha do baile.

-"Mamãe, onde está o meu baton? Não, êste não, aquele "Romance", que eu trouxe do Rio?"

Com um sorriso nos lábios, Rachel antevia a inveja de suas amigas. Com certeza, elas não cansariam de elogiar seu vestido, seu colar, e a beijariam com todo o carinho quando fôsse eleita a Rainha. Só sôbre o Bernardo não a elogiariam. Ah, isto, o ódio não lhes permitiria!

-"Titia, passe-me o "pan cake" nas costas,sim? E ajude-me com este "fecho-éclair", que enguiçou novamente!"

Dez e meia. A qualquer momento, êles chegariam. Rachel olhou-se no espêlho, e achou-se mal maquilada. Num impulso, foi à pia, e lavou bem o rosto. Voltou para o espêlho, e recomeçou a maquilagem: pó de arroz, rouge, baton; Cilion, um leve sombreado azul ("mamãe não gosta disto, mas, é muito bacana, e duvido que ela discubra!"), o "Curvex", para as pestanas...

Sôa a busina de um automóvel. É o de Paulo, com

toda a certeza. Certeza que é confirmada por um alarido de vozes alegres que a chamam.

Rachel quer lançar-se porta afora, mas contem-se. Chega à janela, e grita que a esperem, que está quase pronta, não demora.

Ana desce do carro, e vem até o seu quarto.

-"Como vai, Rachel? E êste vestido, como é lindo, e como lhe fica bem!"

-"Você acha? Mas o fato é que você, menina, está estupenda. O rosa lhe cái maravilhosamente. E o cabelo, você o cortou! Minha filha, ficou ótimo!"

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo.

Vinte minutos depois, as duas entravam no carro. Silenciosamente, o possante buick partiu, perdendo-se dentro da noite iluminada.

De Montesquieu: Correndo em busca, do prazer, tropeça-se na dor.

***

De R. H. Stevenson: Pode estar certo de que, se os princípios morais que dirigem sua vida o aborrecem, é porque estão errados.

***

(continuação da página 37)
te instrumentos na pessôa de um Leonardo da Vinci, um Miguel Ângelo, um Rafael, todos êles pintores, escultores , arquitetos, engenheiros e outras coisas mais.

Só com o aprimoramento da técnica, com o aparecimento de novas armas de estudo, do desenvolvimento da análise é que, principalmente no século XIX, reconheceu êste homem que tanto se desdobrava que, para conhecer bem uma ciência ou arte, teria que se dedicar exclusivamente a ela. Entramos, assim, no período que ainda hoje atravessamos, ou seja, uma tendência cada vez mais profunda para a especialização. E desta forma, em virtude da quantidade de estudo exigido e da exiguidade de tempo, assistimos ao desdobramento de ciências e artes e outras ciências e outras artes afins. O homem atual é, cada vez mais, um especialista, um técnico.

E foi assim, meu amigo, e por outras razões mais, que, sem ligar para o problema da galinha e do ôvo, também se desdobrou um todo a princípio coeso, para formar dois ramos distintos, a Engenharia e a Arquitetura, que, em virtude de sua origem comum, guardam entre sí alguns traços de parentesco e seguem, como boas irmãs, ajudando-se mutuamente a construir um mundo melhor.

PESSIMISMO E OTIMISMO

Rabindra

Caso eu gostasse de leis, estabeleceria duas que governariam a vida: a lei do otimismo e a lei do pessimismo.

Realmente, são êsses os dois vocábulos que regem a nossa vida. Não há pessoas felizes nem infelizes. Há otimistas e pessimistas. Aquêles que encaram mesmo os momentos mais difíceis da estrada tormentosa que é a vida, com otimismo, são felizes, e aquêles que nas mínimas contrariedades encontram um abismo profundo, são pessimistas, e, por conseguinte, infelizes.

Portanto, jovens, não vos desespereis indevidamente. O nosso destino já está traçado. Sigamo-lo...

Encarem sempre o melhor aspecto da situação, não o pior. Pratiquem o bem, e serão eternamente felizes.

--ooOOoo--

(cont. da página 47)

ciso, a altas vozes, protestar contra os que, dentro ou fora do Oriente Médio, defendendo êstes interêsses, contribuem para aumentar a tensão existente.

A integridade do povo e do Estado de Israel não podem ser suceptíveis de ameaças. A paz é indispensável para Israel, mas nunca a custas de mutilações de seu reduzido território. Urge, esquecendo divergência de opiniões, uma ação conjunta de todos os judeus, em busca de Paz e Segurança para Israel.

(continuação da página 7)
portões do Templo estiveram iluminados por numerosas luzes. Conta a lenda que Judá e seus companheiros encontraram num recinto do Templo um pequeno recipiente de azeite, suficiente apenas para alumiar uma só noite o Candelabro, mas por milagre êste óleo deu para oito noites. Em outras cidades da Judéia fizeram também os judeus iluminações em suas ca sas. Desde então, subsiste o costume de festejar anualmente êsses oito dias em memória à libertação do povo hebreu do jugo dos pagãos, festa esta que é observada até nossos dias em todo o mundo. Nas oito noites da semana de Chanuka, se acendem pequenas lâminas em casas dos judeus.

***

Com êste extrato, a "AJI" inicia a publicação de uma série de artigos e trabalhos sôbre fatos, coisas, tradições e costumes judáicos. Sôbre a heróica epopéia dos Macabeus, o escritor judeu-norte -americano Howard Fast escreveu um livro, "Meus Gloriosos Irmãos", editado entre nós pela editora "Beit Anilevich". Neste livro, Simão, o último dos Macabeus, narra a luta heróica de sua família, e de seu povo. Pela sua fôrça de expressão, por seu profundo conhecimento de uma época histórica longínqua, é um livro digno de ser lido e apreciado.

Uma noite, Motke surpreendeu um ladrão procurando algo em sua casa. Quando êle quis fugir, Motke deteve-o, dizendo: procuremos; talvez tenhas mais sorte do que eu.

PAZ E SEGURANÇA PARA ISRAEL!

Situação dolorosa e crítica atravessam o povo e o Estado de Israel, ameaçados em sua integridade e mesmo em sua existência física. Há pouco, viu-se Israel em uma guerra contra o Egito, e ameaçado de uma nova guerra com todo o mundo árabe. Atualmente, é mais tensa do que nunca a situação na fronteira árabe-israelí.

Aos israelís não interessa guerras; já muito sofreram para que se lancem levianamente ao esporte de matar. Interessa apenas trabalhar, desenvolver-se e viver em paz com seus visinhos. Não acreditamos, também, que aos árabes possa interessar guerras. Muito pelo contrário, um povo fraco, doente e sub-alimentado, como é o povo árabe, na sua grande maioria, só teria a lucrar com contato amigo e intercâmbio com seus visinhos judeus, tecnica, econômica e culturalmente mais desenvolvidos.

Entretanto, Israel vem sendo ameaçado continuamente por líderes árabes. Entretanto, agentes árabes têm mantido a fronteira árabe-israelí em constante sobressalto, e ninguém ignora que os grupos "fedayeen" têm no mínimo o beneplácito de seus governos.

As justas lutas de vários países do Islã pela emancipação política e econômica não explicam nem justificam as posições nefastas de seus governos ante Israel. É preciso fazer compreender aos árabes que os judeus não são os seus inimigos, que esta luta só pode beneficiar a interêsses externos e estranhos aos povos litigiantes. É pre-

(continua na página 45)

(continuação da página 24)
Será que o senhor(a) pode nos explicar? E a propósito: O que significa PPP?

As Mesmas."

Bom, a cara é esta. Sôbre Navio Negreiro, parece que há um poema de Castro Alves com êste nome. É só o que seia respeito. Quanto a PPP, não faço a menor idéia.

Mas o fato é que eu não tenho nada com esta bagunça toda. Já estou até de malas prontas, e é só elas me darem a recompensa (que será, hein?), que eu embarco direto para Maracangalha.

*****
***
*

(continuação da página 30)
demos deduzir que a nossa juventude é apagada em sua definição. Uma juventude em que um jovem não cria o ambiente a seu próprio gosto, mas deixa, para sua maior comodidade, que os chamados diretores o criem. E isto tem como reflexo o que vemos em nossas atividades: desânimo. A causa disto talvez seja dos diretores, que em nosso meio não têm a experiência e orientação capazes de satisfazer "in totum" aos seus associados. Mas talvez sejam os próprios associados os maiores culpados. Ninguém se interessa por nada. Pede-se sugestões (caixa na casa do Sami), não as encontramos. Pede-se colaboração, negam-nas. Que está a acontecer com os nossos associados? A nossa juventude não canta, não espalha seu entusiasmo contagiante numa obra para o bem estar comum. A nossa juventude não é alegre, mas triste.

(continua na página 50)

(continuação da página 16)
volei têm treinado, e tenciona-se disputar os campeonatos oficiais de basquete e futebol de salão, se possível da primeira divisão. Para isto será necessário obter-se o registro do clube, o que vem sendo feito.

O departamento cultural, devido a alterações de horário do Edifício Gontijo, teve que suspender as costumeiras horas culturais dos domingos, que reiniciar-se-ão agora na nova séde, dentro em breve. Também, sob a direção dêste artista consumado que é Maurício Lanski, começará em pouco o grupo teatral da A.J.I.: todos terão oportunidade de trabalhar.

Com a ida do Jacob Korman, para a Europa, a tezouraria passou para o Henrique (não é Henoch não. É Henrique mesmo!), e a"grana" mais do que indispensável voltou a entrar regularmente. Agora temos um cobrador, que procurará regularmente os associados.

Aliás, quanto à mensalidade, a Diretoria, depois de fazer bem as contas, chegou à conclusão de que seria indispensável um ligeiro aumento, levando em consideração,de um lado, a espiral inflacionária em que ainda nos encontramos e da qual não temos culpa, e de outro, o aumento das despesas, inevitável para quem deseja fazer algo mais que horas dançantes em casa de associados. Sabemos que vocês irão compreender nossa decisão.

Muitas vêzes, o sócio não está satisfeito com o clube, onde não encontra o que mais deseja. Geralmente, se dá que os diretores não sabem exatamente o que querem os as

INDICADOR COMERCIAL

TECNOCONSTRUTURA LTDA. Esc. de Engenharia. R. Curitiba, 705 - 7º and. Fone 4-6944	MOBILIADORA MINEIRA de Joseph Chacham R. Caetés, 220 Fone 4-1775
CASA ELITE de Zolmin Schvartzman Pça. Vaz de Melo, 159 Fone 2-2643	JOALHERIA KIVA LTDA. de Kiva Kiliminik R. Tupis, 7 Fone 4-7688

MOBILIÁRIO FIEL de Henrique Altman & Irmão Aug. de Lima, 1508 - Caetés, 245 - Fone 4-3538

AO SISTEMA CREDIÁRIO de Sanni Schwartzman Av. Paraná, 152	MOBILIADORA MIMOSA de Jacob Glinoir R. Caetés, 596
RELOJOARIA PAULISTA R. dos Caetés, 596	MINA DAS ROUPAS LTDA. R. dos Caetés, 470 Fone 2-5228

ESTA REVISTA FOI IMPRESSA
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
ESCOLA DE DIREITO DA U.M.G.